

A guerra está mais próxima

» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF
Jornalista



O mundo vive tempos tempestuosos e belicosos. O presidente dos Estados Unidos deu a partida em um jogo de interesses que confronta boa parte do mundo. Ele pensa, primeiro, nos próprios negócios e, depois, no eventual ganho do consumidor norte-americano. Essa política desviada resultou em que o conflito na Palestina se tornou mais agudo, com Israel desafiando o bom senso e praticando genocídio diante dos olhos fechados da democracia norte-americana. Na Ucrânia, nem o cessar-fogo foi alcançado. Os dois lados excluíram os ucranianos e buscam ganhar mais espaço, mais terreno, mais negócios e mais empresas. O conflito se transformou em algo muito parecido com a Guerra Civil Espanhola, nos anos trinta, quando os grandes testaram seus equipamentos militares.

A vida ficou precária. A diplomacia brasileira, que sempre cultivou a tese de o país ser um poder suave, capaz de convencer pela negociação e diálogo, está na posição de repensar sua maneira de agir. Há guerras por todo o mundo. O líder norte-americano não hesita em mandar aviões, submarinos nucleares e porta-aviões para dar tiros em pequenas embarcações, com motor de popa, no mar do Caribe. É uma desproporção ridícula, mas trouxe a guerra para uma área próxima à fronteira do Brasil. O presidente

Lula vai precisar tirar a venda dos olhos para enxergar a dificuldade de manter a soberania no norte do país, ainda mais diante da disposição agressiva de Donald Trump.

A questão básica é que o Brasil é um país desarmado. Suas Forças Armadas ainda respondem a padrões da Segunda Guerra Mundial e a estratégias inteiramente vencidas pela ação do tempo. Um bom exemplo é a existência de quartéis. Desde que os alemães invadiram a França em 1940, ao contornar a famosa Linha Maginot, verificou-se que esses mastodontes não servem para nada. A guerra moderna se faz com base na mobilidade. E o Brasil ainda ostenta, com garbo e elegância, a cavalaria que não tem qualquer utilidade no conflito atual. Os bichos são bonitos, cada general tem o seu. Ajuda a compor o cenário para uma bela fotografia. Mas não possui nenhuma utilização prática.

Em 1975, as Forças Armadas da África do Sul — melhor exército da África — invadiram o território de Angola, depois da vitória de Agostinho Neto, comunista, para dirigir o país. Chegaram a sitiá-lo Luanda, a capital. Em um mês, os cubanos de Fidel Castro colocaram na cidade cerca de 10 mil soldados em condições de lutar. O governo do Brasil, do general Geisel e do ministro de Relações Exteriores Azeredo da Silveira, auxiliou com gêneros alimentícios. Dois navios saíram de Santos abarrotados de comida para ajudar os habitantes da capital de Angola. As forças da África do Sul foram empurradas de volta à fronteira. Esse é o retrato de força de mobilidade rápida. O Exército brasileiro está longe de ter e manter algo semelhante. A recente ameaça de Maduro de invadir a Guiana mostrou que o Exército enfrentou enormes dificuldades para transferir tropas de Rondônia

e Manaus para Roraima.

Na guerra da Ucrânia, drones feitos de papelão estão azucrinando as tropas russas. Eles voam com motor barulhento, uma câmara e uma potente granada. Um pequeno artefato com custo de centenas de dólares está destruindo tanques de milhões de dólares. E avança a infantaria. Soldado em campo aberto é vítima fatal do drone. O Brasil não domina essa tecnologia. As fronteiras nacionais estão abertas. São um permanente convite para infiltração de traficantes de armas e de drogas. A missão básica das Forças Armadas, que é defender o país, não está sendo realizada. A ação da bandidagem no Rio de Janeiro e em São Paulo é uma fotografia da realidade da defesa nacional.

É preciso lembrar que a Marinha de Guerra está sucateada. Os marinheiros sonham alto com submarino nuclear, mas não dispõem de corvetas, lanchas rápidas e contratorpedeiros para defender as costas do país, nem os rios da Amazônia, por onde os traficantes navegam sem dificuldades. Eles são capazes até de construir minissubmarinos na Ilha do Marajó. A Força Aérea também sonha alto. Mas, até agora, só recebeu 10 unidades do moderno jato Gripen. A Venezuela se prepara para a guerra com seus poderosos Sukoi-30.

As Forças Armadas têm função importante na educação de brasileiros. Elas dão emprego e ajudam a alfabetizar os mais pobres. A arma terrestre possui a Biblioteca do Exército, fundada em 1881. É uma importante editora. Recentemente, procurei o livro de memórias do general Jukov, comandante das forças soviéticas na Segunda Guerra Mundial em várias cidades do mundo através de amigos correspondentes. Só encontrei aqui na Editora do Exército.

Visto, lido e ouvido



Desde 1960

Circe Cunha (Interina) // circecunha.df@dabr.com.br

A "sociedade gulag"

Leszek Koakowski, filósofo polonês que conheceu por dentro e por fora a experiência do socialismo real, deixou um alerta que soa mais atual do que nunca: a abolição do mercado não é apenas um atentado contra a economia, mas contra a própria liberdade humana. Quando o Estado assume o monopólio da produção, inevitavelmente se apropria também da informação, da cultura e da comunicação. O resultado histórico foi sempre o mesmo: ineficiência, racionamento e repressão. Uma "sociedade gulag".

Hoje, no Brasil e no mundo, assistimos a uma versão sofisticada desse processo. Não há, como no passado, uma declaração explícita contra o mercado ou uma coletivização forçada. Ao contrário, partidos de esquerda falam em "livre mercado" e em "livre pensar". Mas o discurso não resiste à prática. O que se observa é um gradual cerco à liberdade de escolha econômica e à autonomia da palavra.

No campo econômico, a intervenção estatal cresce sob múltiplas formas: subsídios bilionários a setores amigos do governo, empresas estatais ineficientes mantidas a qualquer custo, tributação sufocante sobre o empreendedor e o trabalhador, além de regulações que criam um labirinto quase intransponível para quem deseja investir.

A retórica da "justiça social" serve de biombo para o aumento da dependência da sociedade em relação ao Estado, com programas de transferência de renda que se transformam em instrumentos de poder político. Elena Ayala resume bem em seu Instagram, onde mostra aos brasileiros a realidade do comunismo em Cuba. O lado que os turistas não veem. A única igualdade que existe por lá é a pobreza. "Quando você recebe tudo de graça do governo, é sinal que está perto de perder a sua liberdade."

No campo das ideias, o risco é ainda maior. A liberdade de expressão, base de qualquer democracia, vem sendo relativizada sob a bandeira do combate à "desinformação". Termos vagos e elásticos abrem caminho para censura oficializada por agências reguladoras e, mais grave ainda, por parcerias entre governos e big techs.

A comunicação digital, que deveria ampliar vozes, é cada vez mais submetida a filtros ideológicos. O pluralismo, essência do livre pensar, vai cedendo espaço a uma uniformização ditada de cima para baixo. É nesse ponto que a advertência de Koakowski ressurgiu com força. Ele dizia que, sem mercado, não há apenas perda de bens materiais, mas também de bens intelectuais. A sociedade passa a viver de racionamentos — não apenas de produtos, mas de ideias.

O novo gulag não tem arame farpado nem torres de vigia, mas hashtags, algoritmos e tribunais de exceção. O medo de perder espaço, reputação ou sustento já funciona como mecanismo disciplinador mais eficiente que a polícia política de outrora. Ao insistirem em um modelo que finge preservar o livre-mercado e o livre-pensar, mas que, na prática, submete ambos ao crivo do Estado e de suas alianças, as esquerdas modernas repetem os erros que Koakowski denunciou.

Não se trata de imaginar tanques nas ruas ou coletivização forçada; trata-se de enxergar como a liberdade pode morrer lentamente, sob discursos sedutores de inclusão, democracia e justiça. Cabe à sociedade, à imprensa e às instituições compreender que a lição do século 20 ainda não foi aprendida. A história mostrou que a supressão gradual da liberdade econômica e de expressão nunca termina bem. O Brasil e o mundo precisam decidir se querem viver em uma democracia aberta ou em uma versão digitalizada e branda do velho gulag.

Observem o que disse o filósofo sobre a revolução do proletariado, previsto pelo próprio Marx: "O mais importante é que a teoria marxiana previu a inevitabilidade da revolução proletária. Revolução que nunca ocorreu em lugar nenhum. A revolução bolchevique na Rússia não guarda relação nenhuma com as profecias de Marx. Não teve como força motriz o conflito entre o proletariado industrial e o capital, mas, sim, a pressão de bordões sem nenhum conteúdo socialista, muito menos marxista, como paz e terra para os camponeses. Bordões esses que, é desnecessário dizer, posteriormente redundariam em seu oposto. O que talvez mais se aproxime de uma revolução da classe trabalhadora no século 20 foram os eventos de 1980/1981 na Polônia — movimento revolucionário dos trabalhadores industriais (muito fortemente apoiado pela inteligência) contra os seus exploradores, quer dizer, o Estado. E esse caso solitário de revolução da classe trabalhadora (se pode, por isso mesmo, ser tido como tal) foi dirigido contra um estado socialista, sob a égide do sinal da cruz e com a bênção do papa João Paulo II".

A China moderna parece hoje o exemplo vivo de que as teorias marxistas que pregavam a destruição do livre-mercado e do capitalismo estavam erradas. A China empreende um modelo próprio de capitalismo de Estado, que explica muito sobre o desenvolvimento econômico daquele país. A China comunista, por sua vez, é aquela baseada em princípios políticos fortemente atrelados ao Partido Comunista Chinês, onde não há possibilidade alguma de divergência. Mesmo atrelada a dogmas do PCC, a China anteviu que não poderia sair da situação de miséria e fome se não fizesse concessões diversas ao sistema capitalista, gerador de riqueza e não de panfletos vazios.

A frase que foi pronunciada:

"A abolição do mercado significa não apenas que os consumidores — ou seja, todos os membros da sociedade — são privados de praticamente todas as opções de consumo e de toda a influência sobre a produção; significa também que a informação e a comunicação são monopolizadas pelo Estado, visto que também necessitam de uma vasta base material para operar."

Leszek Koakowski

História de Brasília

A indústria dos cinco cruzeiros nos trocos dos TCB está se propagando demais. Apesar disso, a empresa não se manifesta informando que tem à disposição dos trocadores todo o troco necessário. Dá assim uma ideia de que o assunto não é tratado naquela companhia. (Publicada em 9/5/1962)

Maurenilson Freire



Negro pode! Negro é pop!

» RICARDO MEDEIROS
Jornalista, escritor, professor universitário e assessor de comunicação



Minha mãe era branca, olhos verdes, nascida em Porto União, no norte de Santa Catarina. Solteira, teve o primeiro filho aos 16 anos de idade. Uma mulher perdida, assim foi taxada. Perambulou por alguns cantos até se encontrar em Joaçaba, meio-oeste catarinense, com o preto retinto Sebastião. Em 7 de junho de 1956, tornaram-se marido e mulher. Dessa união, resultaram nove filhos. Eu, Ricardo Leandro de Medeiros, o sexto de Margaridinha, nasci em 4 de setembro de 1963, parto feito com a ajuda da minha avó paterna, Juventina.

Com as transferências do meu pai, que era da Polícia Militar, a família morou nos anos de 1960 e 1970 em Florianópolis, em casas sem luz elétrica e água encanada, situação comum em lares de pobres, residentes em morros. Em 1971, ainda com 7 anos, parti com o meu irmão Rudi para o primeiro dia de aula do curso primário na Escola Lúcia do Livramento Mayvorne, onde ele já estudava, no Morro da Caixa. A mãe colocou em meu saco plástico, desses de arroz de cinco quilos, um caderno, um lápis e uma borracha. Eu vestia uma calça azul-marinho, camisa branca e calça um tênis azul, da marca Conga. Cursei a primeira série, em 1975, na Escola Lauro Muller.

No final daquele ano, retornamos para Joaçaba e Herval d'Oeste. Na região, colonizada por italianos e alemães, terminei o ensino fundamental e o ensino médio. Tive momentos bons e outros tristes. As garotas sentiam atração por mim, hesitavam, todavia, em ter um relacionamento comigo. "E se um dia eu casar com um negro, o meu filho também será negro? O Ricardo até que é bonitinho, mas o melhor é cada um ficar no seu canto". As cidades de Herval d'Oeste e Joaçaba somavam mais de 40 mil pessoas, sendo que apenas 4.192 (10,43%) eram negras.

Eu, goleiro nos jogos de futebol de várzea, em certa ocasião, defendi o chute de uma falta desferido por um oponente de 1,70m de altura. Miúdo, e de estatura baixa, nem mesmo havia acreditado que tinha conseguido tal proeza. Não tive tempo de comemorar nem de levantar do chão. Fui atingido nas costas pela chuteira do jogador responsável em bater a falta. Fui xingado, chamado de macaco, de nego do diabo, de nego imundo. Fiquei parado, gemendo, esperei que o jogador insano, racista, preconceituoso, saísse de perto de mim. Levantei-me calado e continuei a jogar naquela tarde de domingo. Porém, meus pais e a diretora Uda Gonzaga (Escola Lúcia do Livramento Mayvorne) me ajudaram a encerrar a vida e suas armadilhas. Que eu podia ser o que quisesse, andar por onde eu quisesse. Eu era livre, inteligente, capaz de chegar aonde eu quisesse.

No ano de 1982, após não ter obtido êxito no primeiro vestibular, voltei para Florianópolis para me preparar e buscar uma vaga no ensino superior. O local de moradia me era familiar. Juntamente com o mano Rudi, que estava

finalizando letras na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e outros colegas, morei na escadaria da rua José Boiteux. Estudava pela manhã num cursinho. Depois do almoço, concentrava-me em rever as matérias. No quarto, colava fórmulas nas paredes frágeis, que pareciam que iriam se desfazer de tanto cupim no seu interior. Afixei principalmente fórmulas de química, biologia e física. Antes de dormir, rezava, pedia ao Ser Superior forças para continuar a batalha no dia seguinte.

Passei no vestibular. A notícia foi escutada na casa dos meus pais, em Herval d'Oeste, pelas ondas curtas da Rádio Guarujá de Florianópolis. Meu pai não se conteve. Foi para frente da casa deles e disparou seis tiros para o alto. O filho dele havia vencido. Eu era estudante de jornalismo da UFSC. Fui o terceiro negro a cursar jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina, sendo graduado em 1986. Nos anos 1990, fiz especialização em jornalismo na Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul). Foi lá que iniciei a minha carreira como professor universitário, ministrando aulas também no Centro Universitário Estácio SC e na UFSC.

Na França, na Université du Maine, atual Le Mans Université, em um ano, concluí mestrado em rádio. Em dois anos, finalizei o doutorado na mesma área. Por ter terminado o trabalho acadêmico antes do tempo programado, recebi autorização especial para defender a pesquisa, pois nunca havia ocorrido isso naquela instituição europeia. Obtive nota máxima da banca examinadora. Tornei-me o primeiro negro doutor em rádio de origem catarinense. Escrevi 14 livros. Negro pode! Tudo! Tente sempre e outra vez transpor barreiras.